

# O PACTO

ANDRÉ TAKA

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2022*

# CAPÍTULO

# 01

*Até que o sol não brilhe, acendamos uma vela na escuridão*  
(Confúcio)

Aquela sexta-feira estava mais tumultuada que de hábito, talvez porque era a primeira do ano. Verônica sabia que a academia estaria lotada naquela semana por conta de uma das mais batidas promessas de *Réveillon*: “no ano que vem vou emagrecer”.

Consequentemente, logo depois da virada as academias lotam de pessoas fazendo matrículas e de “pagadores de promessas” em perder peso, que duram, normalmente, até o Carnaval, depois param e se esquecem do almejado objetivo.

Eram seis e meia da tarde e já havia mais de cinco pessoas na fila para fazer novas inscrições, totalizando quase cinquenta novas matrículas só nesse dia.

No meio de tanta correria, obrigou-se a segurar sua vontade de ir ao banheiro até não aguentar mais. Pediu a Rafaela para segurar um pouco sozinha a recepção e deu uma fugida.

Caminhou no emborrachado chão da academia por entre as máquinas de exercícios para pernas, depois pelas de

membros superiores, desviou da funcionária da limpeza, sentindo o leve odor de desinfetante, passou pela porta da gerência, em que muitas vezes fazia reunião com a equipe, e viu um pequeno movimento de alunos no fim do corredor, junto ao vidro que dava no estacionamento.

Seguiu pelo corredor em que ficavam os guarda-volumes com portas amarelas e, ao invés de entrar no banheiro, percebeu uma pequena confusão que se formara no fundo da sala.

Suspirou irritada, porque odiava quando aconteciam essas coisas às sextas-feiras, pois já estava cansada da semana para ficar tendo trabalho à toa.

Decidiu espiar discretamente, afinal, se estivesse ocorrendo algum problema era ela quem teria que resolver.

Com passos curtos e rápidos, dirigiu-se ao fundo da academia e, à medida que se aproximava, podia ouvir o barulho insistente de uma buzina vinda de algum veículo lá parado no estacionamento.

Chegou gesticulando e pediu para os alunos se afastarem e pôde ver um *Corolla* preto com os faróis voltados para dentro da academia, ofuscando a visão das pessoas. Era dele o som irritante.

Puxou a chave da porta de emergência que dava para o estacionamento e mandou uma mensagem pelo celular para Lincoln, um dos instrutores, para acompanhá-la, afinal, ainda que acreditasse que não havia perigo algum, tinha que se precaver.

O alto professor da academia veio prontamente e furou o cerco de alunos com suas costas largas, trazendo consigo a gerente que o chamara.

Ela fez sinal para os alunos não ultrapassarem a porta e, com um sorriso tímido, indagou se o carro era de algum deles, mas não obteve resposta. Insistiu:

– Gente, se for de alguém, por favor, venha desligar essa buzina chata.

Nada.

Lincoln se aproximou do veículo pelo lado do motorista e percebeu uma sombra dentro do automóvel. Estranhou. Tentou olhar para dentro, mas já estava um pouco escuro.

– Verônica, pode me emprestar seu celular para eu usar a lanterna? – pediu ele.

– Claro.

Sem querer assustar sua chefe, o robusto rapaz queria apenas confirmar o que seus olhos suspeitavam. Apontou a lanterna daquele *Samsung* para dentro do veículo e, ao mesmo tempo em que devolvia o aparelho para a gerente, aconselhou-a com a voz embargada:

– Verônica, melhor ligar para o 192 rápido.

– O que você viu, Lincoln?

– Acho que tem alguém morto dentro do carro! – sentenciou o instrutor.

# CAPÍTULO

# 02

*A amizade é um amor que nunca morre*  
(Mário Quintana)

O Centro Velho de Santos já foi pujante e garboso, especialmente nos áureos tempos da exportação do café, tanto é que guarda verdadeiras relíquias históricas e arquitetônicas, como a própria Bolsa do Café, que é um motivo de orgulho para os santistas.

Entretanto, atualmente tem se mostrado em declínio, com muitas lojas comerciais fechando, escritórios de navegação se mudando para outros bairros e restaurantes encerrando atividades. Há quem diga que a região só sobrevive pela concentração de muitos serviços públicos, como a Alfândega, o Poupatempo, os Fóruns e a própria Prefeitura Municipal.

E é no fim de tarde, após mais um dia de trabalho, que esse retrato decadente pode ser constatado, resumindo-se a um cenário indigno dos demais bairros da mais importante cidade da Baixada Santista.

Antes movimentado e concorridíssimo, agora o Centro de Santos era frequentado por inúmeros moradores de rua,

algumas garotas de programa que oferecem serviços a preços módicos e vários bares degradantes cercados de consumidores ébrios e de poucos recursos.

Contudo, foi lá também que nasceu, há mais de quarenta anos, o mais importante jornal da região: O Santista, cuja nova sede é um dos mais modernos edifícios dessa área, de onde, inclusive, Diogo Francis e Amilton Sergio discutiam, o que ocorria com certa frequência:

– Raposa, vamos logo, cara.

– Já vou, Amilton, já te falei que tô terminando aqui.

– Vou descer e te esperar lá fora então, vou tomar um café na padaria – resmungou.

– Segura a onda aí, já vamos. É perigoso ficar na rua a essa hora.

– Ah, para, trabalhei aqui por anos e nunca me aconteceu nada – respondeu com impaciência.

– Vai por mim.

Amilton rodeou a mesa onde o ex-radialista estava trabalhando e o apressou:

– Meu, vamos logo, pô! Tu vai ser homenageado lá, não pode atrasar.

– Não estressa, Amilton. Não tenho culpa de trabalhar na sexta até quase sete da noite.

– Porra, Diogo! – bradou, inconformado o outro.

– Tu não é amigo do cara? Liga pra ele e diz que vamos nos atrasar um pouco – aconselhou Diogo.

– O celular não está recebendo as mensagens. Mas vou mandar um *zap* pra esposa dele pra avisar.

– E tem essa intimidade? De mandar mensagem pra esposa?

– Sou amigo dos dois, Diogo. Esses dois não se desgrudam. Quando não consigo falar com o Gabriel, tento com a esposa dele.

– Então está tranquilo, sossegue um pouco que a gente já vai – rebateu Diogo, deixando ainda mais tenso o amigo.

– É chato, velho. Sabe como são essas coisas – insistiu sem que tivesse sucesso.

Amilton caminhava pela redação do jornal para lá e para cá, indignado com Diogo, que teimava em terminar a matéria antes de saírem.

Depois de quase dez minutos de muitos resmungos de Amilton, Diogo desligou o *laptop*, enviou uma mensagem pelo *WhatsApp* e sorriu para o amigo:

– Terminei. “Vambora”?

Irritado, Amilton saiu na frente, tocou o botão para chamar o elevador e franqueou a entrada de Raposa como se tentasse apressá-lo.

– Vamos logo, estamos atrasados.

– Não reclame, porque eu nem vou passar em casa para me trocar, tô colaborando.

– Só faltava, né? – reclamou Amilton.

– Você vai ver que não vai dar nada, vamos chegar num ótimo horário lá – apostou Diogo.

– Pô, Diogo, chegar atrasado no dia em que será homenageado é foda.

– Vai dar tudo certo. Acalme-se, Miltinho.

## CAPÍTULO

# 03

*O horror visível tem menos poder sobre a  
alma do que o horror imaginado.*  
(William Shakespeare)

Já passara das dezenove e trinta horas quando Raul Chagas chegou com sua *Duster* branca ao prédio da Avenida Washington Luiz com a Rua Carvalho de Mendonça, no Canal 3.

Cumprimentou com um aceno o porteiro do prédio, Seo Ananias, um senhor de idade, com quem adorava bater um papo, e seguiu para sua vaga.

Estacionou, desligou o rádio e se virou para pegar seus pertences. Uma mochila com *laptop*, a roupa de academia e uma sacola com duas cervejas artesanais, que havia comprado no mercado na hora do almoço.

Desceu do veículo e já sentiu a diferença térmica do calor que fazia em Santos. “Abafado demais, mais tarde vou pegar uma piscina” – pensou.

Cruzou a entrada de serviço do condomínio, passou na sua caixa de correio e pegou suas correspondências. Três contas,



seu exemplar da Folha de São Paulo e um envelope pardo em tamanho A4. Estranhou. Olhou e não havia remetente. Colocou tudo debaixo do braço e chamou o elevador.

Estava cansado, e o pequeno percurso até seu andar parecia mais longo que o normal. A porta se abriu e rumou para seu apartamento, de número 124. Girou a chave uma vez e empurrou a porta, mas ainda estava travada. Algo incomum porque não costumava virar duas vezes para trancá-la – “devo ter fechado no automático” – imaginou.

Após virar duas vezes a chave, adentrou no pequeno *hall* e pendurou sua chave no gancho pregado na parede, tirou os sapatos e meias e caminhou pelo corredor até repousar na mesa retangular de vidro sua carteira, a mochila do trabalho e as roupas da academia.

Deixou as contas no pequeno suporte onde estavam as demais e lançou o jornal e o envelope pardo no sofá.

Levou as garrafas de cerveja até a cozinha, colocou uma na geladeira e outra no congelador, queria tomar uma delas antes de se refrescar na piscina.

Pegou uma cápsula da *Lungo*, da *Dolce Gusto*, e preparou-a na moderna máquina vermelha de café expresso. O cheiro forte da bebida passou pelos corredores e o acompanhou até a sala.

Sentou-se no sofá, pegou o controle remoto do ar condicionado e deixou o aparelho no mínimo possível. Estava suando naquele começo de noite de verão santista.

Ligou a *Smart TV* e colocou no *YouTube*, gostava de ver as dicas de filmes e séries no canal de Refúgio *Cult*, seu preferido, com o apresentador Lucas Maia.



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Adobe Garamond  
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2022.

---

